

## “SIGNIFYIN(G)” COMO JOGO DE LINGUAGEM: REFLEXÃO SOBRE SENTIDO E CULTURA AFRO-AMERICANA

Luciana de Mesquita SILVA<sup>73</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir algumas perspectivas dos estudos da significação, tais como a proposta por Ferdinand de Saussure, e relacioná-las ao pensamento de Henry Louis Gates, Jr, renomado crítico literário, acadêmico, escritor e editor estadunidense. Dessa forma, tomando-se como base a noção de “Signifyin(g)” proposta por Gates, busca-se analisar um exemplo que ilustra essa concepção. Com isso, pretende-se enfatizar a importância dessa teorização para os estudos sobre o sentido, especialmente por trazer à luz um universo historicamente marginalizado e oprimido pela cultura branca hegemônica.

**Palavras-chave:** Significação. Linguagem. Cultura afro-americana.

**Abstract:** *This paper aims to discuss some perspectives of the studies on meaning, such as the one proposed by Ferdinand de Saussure, and connect them with Henry Louis Gates Jr.’s thought, a renowned American literary critic, scholar, writer and editor. Therefore, taking the notion “Signifying” proposed by Gates as a basis, we seek to analyze an example that illustrates that conception. Hence, we intend to emphasize the importance of that theorization to the studies on meaning, especially because it brings to light a historically marginalized and oppressed universe by the hegemonic white culture.*

**Keywords:** *Meaning. Language. African-American culture.*

---

<sup>73</sup>Docente de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Bacharelado em Turismo e no Mestrado em Relações Étnico-Raciais, CEFET-RJ, Petrópolis/RJ e Rio de Janeiro/RJ, Brasil, [luciana.cefetrj@gmail.com](mailto:luciana.cefetrj@gmail.com).

*A Significação [Signifyin(g)] é um jogo verbal – jogo sério que serve como instrução, diversão, exercício mental, preparação para interagir com amigos e inimigos no âmbito social. No vernáculo negro, a Significação [Signifyin(g)] é um sinal de que não se pode confiar nas palavras, de que até mesmo a afirmação mais literal abre espaço para a interpretação, de que a linguagem é tanto carnaval quanto campo minado.*

John Wideman

Pensar em questões relativas à significação é mergulhar em um universo repleto de impasses e controvérsias. Isso porque não há uma única teoria do significado: diversas correntes que abordam o referido campo tratam de tópicos antigos e recalcitrantes que incluem os jogos entre sentido literal e sentido figurativo, escrita e fala, compreensão e interpretação, entre outros.

É interessante ressaltar que desde a Grécia Antiga (século V a.C.), a partir de estudos no âmbito da filosofia, verifica-se uma preocupação com o pensamento sobre a significação. Por um lado, os socráticos, relacionados a uma visão representacionista sobre a linguagem, defendem a ideia do significado como entidade fixa e objetiva, simbolizado pela palavra. As verdades prevalecem sobre o consenso e o discurso é centralmente declarativo, literal e universal e, portanto, estaria sujeito a ser verdadeiro ou falso. Nesse sentido, a linguagem é considerada como um instrumento presidido por uma razão exterior.

Por outro lado, os sofistas desafiam essa abordagem anti-relativista: iluminam a volatilidade da linguagem, que apresenta uma função constitutiva nos assuntos humanos, e rompem com a ideia da existência de verdades. Logo, há somente consenso, marcado por uma instabilidade, e o significado é circunstancial, uma vez que se vincula ao seu uso nas práticas sociais. Tais perspectivas encontram respaldo no senso comum até os dias de hoje, embora o paradigma da representação seja predominante no cenário em questão.

Neste artigo, será construído um breve panorama dos estudos acerca do significado, partindo de textos inaugurais no campo da ciência da linguagem e prosseguindo com teorizações nas áreas dos estudos lógicos, dos estudos cognitivos e dos estudos pragmático-discursivos em conjunto com os estudos pós-estruturalistas. Em seguida, será introduzido o pensamento de Henry Louis Gates Jr., que se reapropria do termo “signifying”, de Ferdinand de Saussure, e traz à superfície a expressão “Signifyin(g)”, referindo-se a um modo figurativo de linguagem fundamentalmente utilizado por negros nos Estados Unidos. Tal recurso linguístico, embora se traduza por uma multiplicidade de formas, é caracterizado por uma riqueza de efeitos de surpresa na arte do sentido. Por fim, com o apoio de diferentes vertentes

de estudos sobre o significado no universo teórico contemporâneo, busca-se lançar luz sobre um caso mencionado pelo autor em que se fazem evidentes embaraços em torno do sentido.

### **Breve panorama sobre os estudos da significação**

No que diz respeito às reflexões vinculadas ao significado, estas passaram a ter um cunho científico a partir do final do século XIX. A Semântica, como uma disciplina instituída, caracteriza-se por pressupostos que englobam o laço indissolúvel entre a questão do sentido e a questão da verdade, a ascendência grega nas teorias contemporâneas do significado, o reconhecimento da resistência do significado à teorização, a hegemonia do paradigma da representação e o progresso dissimétrico da ciência da linguagem.

Nesse momento inaugural, os textos teóricos na referida área são marcados por uma cientificidade e buscam combater discursos pré-existentes sobre o assunto, oscilando entre o paradigma da representação e o paradigma da práxis. Michel Bréal, por exemplo, em um ensaio sobre semântica de 1897, afirma que “a linguística fala ao homem dele mesmo” (BRÉAL, 1992, p. 17), ou seja, a linguagem é um instrumento da civilização. Bréal aponta para a dimensão prática do fazer linguístico, retomando a ideia de norma no sentido ético e político, a partir de um pensamento historicista. O pensador em análise, desse modo, dissocia-se da ideia de que forma e sentido ocorrem em um vácuo, uma vez que a linguagem traz implícita a marca do sujeito.

Ferdinand de Saussure, por sua vez, situa-se no mesmo cenário de Bréal, sendo herdeiro de seus postulados. Seu pensamento está associado ao estruturalismo, à sincronia e à diacronia, entre outros aspectos. Além disso, ele questiona o paradigma da representação em seu *Curso de linguística geral*, publicado postumamente em 1916, ao afirmar o seguinte: “Há, inicialmente, a concepção superficial do grande público: ele vê na língua somente uma nomenclatura, o que suprime toda pesquisa acerca de sua verdadeira natureza” (SAUSSURE, [1916] 2000, p. 25). Dessa forma, Saussure reconhece a linguagem como um fato social. No entanto, o estudioso se distancia desse paradigma da práxis ao trazer à luz a concepção biplanar de signo, em que se subentende a ideia de que as representações mentais são geralmente as mesmas para todos os indivíduos, e o fato de que a langue, apesar de seu caráter histórico, trata-se de um sistema homogêneo com força coercitiva.

Outros intelectuais ligados a esse primeiro movimento nos estudos do significado são Leonard Bloomfield e Noam Chomsky. Bloomfield, a partir de *Language* (1933), enxerga a

linguagem como um conjunto de hábitos mentais, enquanto que Chomsky, em *Estruturas sintáticas* (1957), mostra-se afiliado a uma tradição racionalista, a partir da qual a linguagem é vista como parte do dote biológico humano.

No que tange ao âmbito dos estudos lógicos, encontram-se intelectuais como Gottlob Frege (“Sobre o sentido e a referência” – 1976) e Alfred Tarski (“A concepção semântica da verdade e os fundamentos da semântica” – [1994] 2006), os quais buscam destacar as imperfeições das línguas naturais em favor da expressão de um pensamento racional. Nesse cenário, há um privilégio de sentenças declarativas, uma vez que só podem ser verdadeiras ou falsas, e o estudo do significado só é válido em sua dimensão objetiva e pública. Assim, seria possível territorializar o sentido por meio das seguintes atividades: tradução de sentenças para uma metalinguagem lógica; estabelecimento de um modelo matemático da situação que a linguagem descreve e verificação do valor de verdade de uma sentença em relação à situação modelada (SAEED, 2008).

Na vertente dos estudos cognitivos, de acordo com os estudos da mente computacional, o significado é uma representação mental de alguma natureza. Steven Pinker, em *Como a mente funciona* (1997), estabelece uma analogia literal entre mente e computador, defendendo uma postura anti-relativista. Segundo o autor, a mente funciona como um mecanismo em que input e output são previsíveis, constitui-se de módulos que trabalham autonomamente, é equipada para o conhecimento, garantindo a universalidade das afecções da alma, e resulta de uma série de processos de seleção natural. Jerry Fodor dialoga com Pinker ao se debruçar em uma semântica mentalista, que relaciona os símbolos ao que eles representam: “Eu suponho que o sistema de representações mentais constitui uma língua (Mentalês) [...] As fórmulas em línguas naturais herdam suas propriedades semânticas daquelas das representações mentais que estão acostumadas a expressar” (FODOR, 2007, p. 2)<sup>74</sup>. Ainda no conjunto dos estudos cognitivos, os estudos da mente literária, assentados no experiencialismo, priorizam o pensamento como algo encarnado: o significado está no corpo que se movimenta no mundo e se relaciona com o meio ambiente, e não na correspondência entre as palavras e as coisas. Essa é a visão de Lakoff e Johnson, para os quais “[a razão] é modelada crucialmente pelas peculiaridades de nossos corpos humanos, pelos detalhes notáveis da estrutura neural de nossos cérebros, e pela

---

<sup>74</sup> Texto original: “I assume that the system of mental representations constitutes a language (Mentalese) [...] Formulas in natural languages inherit their semantic properties from those of the mental representations that they are used to express.”

especificidade de nosso funcionamento diário no mundo” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 4)<sup>75</sup>.

No campo dos estudos pragmático-discursivos, destaca-se um afastamento da visão de linguagem como representação e uma aproximação da concepção de linguagem como práxis. Ludwig Wittgenstein, em *Investigações filosóficas* ([1953] 1999), questiona o modelo linguístico de objeto-designação, uma vez que os diversos usos de uma palavra não se organizam de forma estável em torno de um núcleo comum de significado. Dessa forma, “imaginar uma língua é imaginar uma forma de vida” (§ 19), ou seja, a linguagem e a práxis formam uma unidade. Seguindo esse raciocínio, Wittgenstein propõe que um enunciado não é inteligível por si e por todas as pessoas da mesma forma: a linguagem é como um jogo, cujos participantes oferecem seus lances. Em suas palavras, “compreender uma frase significa compreender uma língua” (§ 199). Logo, uma sentença é o que ela faz e a linguagem caracteriza-se por regras. Estas irão determinar se o modo como uma expressão ou uma frase são compreendidas será aceito dentro de um contexto específico. A linguagem não se submete, portanto, a uma vontade individual, pois que “na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo de opiniões, mas de forma de vida” (§ 241). Austin, no livro *Quando dizer é fazer* (1990), compartilha da visão anti-representacionista de Wittgenstein ao retirar a declaração do centro do campo da linguagem a partir da seguinte classificação: “sentence” (sentença – fragmento de linguagem), “statement” (declaração – uso da sentença para afirmar ou negar algo) e “utterance” (proferimento – ato concreto).

Ainda nessa cena teórica em que postulados essencialistas sobre a linguagem são questionados, fazem-se presentes pensamentos relacionados ao pós-estruturalismo. Nesse contexto, verificam-se respostas ao estruturalismo, não só para negá-lo, mas também para radicalizá-lo de uma forma extrema. É o que ocorre, por exemplo, no raciocínio de Jacques Derrida, que se apropria de alguns aspectos abordados por Saussure e os subverte. Como foi mencionado anteriormente, Saussure enxerga a linguagem no centro dos assuntos humanos a partir de uma rede homogênea entre as línguas e os falantes. Derrida, por sua vez, defende que tal rede não é igual para todos: um significante remete a outro significante continuamente. Nas palavras do autor:

---

<sup>75</sup> Texto original: “[reason] is shaped crucially by the peculiarities of our human bodies, by the remarkable details of the neural structure of our brains, and by the specifics of our everyday functioning in the world.”

“Significante do significante” descreve o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se pressente que uma origem, cuja estrutura se soletra como “significante do significante”, arrebatase e apaga-se a si mesma na sua própria produção. (DERRIDA, 1973, p. 9)

No referido quadro, portanto, desafiam-se dicotomias como significado e significante e consideram-se os discursos como práticas descontínuas.

### **Por uma teoria de significação afro-americana**

No livro *The Signifying Monkey: a theory of African-American literary criticism*, Gates (1989) amplia o cenário da crítica literária ao propor uma teorização notavelmente fundamentada no universo da literatura afro-americana. Nesse quadro, o autor aponta para uma tradição negra estadunidense marcada por uma subversão de valores hegemônicos brancos. Em seu pensamento, “enquanto que escritores negros com toda a certeza revisam textos na tradição ocidental, eles procuram fazê-lo frequentemente ‘de um modo autêntico’, com uma diferença negra, um senso convincente de diferença baseado no vernáculo negro” (GATES, 1989, p. xxii)<sup>76</sup>. Em tal cenário, os textos dialogam entre si e apresentam como peculiaridade um trabalho com a linguagem que pretende ser caracteristicamente afro-americano, não só a partir da utilização do vernáculo negro, mas também por meio de estratégias estilísticas traduzidas, por exemplo, em uma escrita que busca reproduzir a oralidade.

Para desenvolver seus argumentos e, posteriormente, analisar obras que compõem um arcabouço literário negro nos Estados Unidos, tais como *Their eyes were watching God*, de Zora Neale Hurston, e *The color purple*, de Alice Walker, Gates lança luz sobre uma figura que permeia a herança cultural afro-americana: o “Signifying Monkey” (“macaco da significação”, em tradução livre). Esse personagem, ao lado do Leão e do Elefante, faz parte de um conjunto de histórias que supostamente se originaram no período da escravidão e se apresentam em diferentes versões, as quais geralmente começam da seguinte forma:

Deep down in the jungle so they say  
There's a signifying motherfucker down the way.  
There hadn't been no disturbin' in the jungle for quite a bit,  
For up jumped the monkey in the tree one day and laughed,  
“I guess I'll start some shit”. (GATES, 1989, p. 55)

---

<sup>76</sup> Texto original: “Whereas black writers most certainly revise texts in the Western tradition, they often seek to do so ‘authentically’, with a black difference, a compelling sense of difference based on the black vernacular.”

E têm este desfecho:

“Monkey”, said the Lion,  
Beat to his unbooted knees,  
You and your signifying children  
Better stay up in the trees.  
Which is why today  
Monkey does his signifying  
*A-way-up* out of the way. (GATES, 1989, p. 55)

Nessa narrativa, embora o Leão se considere o rei da selva, os animais sabem que a verdadeira majestade é o Elefante. Diante disso, o Macaco decide tomar uma atitude: insultar o Leão publicamente, denegrindo membros de sua família. O Leão fica irritado com o Macaco, o qual afirma que só estava repetindo o que o Elefante havia dito. Em seguida, o Leão desafia o Elefante e acaba sendo derrotado por ele. Furioso, o Leão resolve afrontar o Macaco. E mais uma vez é sobrepujado, já que o Macaco tem sucesso em sua estratégia de significação, denominado “the dozens”, na tradição afro-americana: trata-se de um jogo em que se busca derrotar o adversário por meio de ofensas dirigidas a seus familiares, notadamente a sua mãe.

Segundo Gates, esse enredo marca uma reversão irônica de uma imagem racista do negro em que o mesmo é comparado ao macaco. O “Signifying Monkey” representa a repetição na diferença, porque sua tática linguística, baseada em proferimentos advindos do Elefante, provoca um efeito de surpresa no Leão. Nesse caso, o Leão parece simbolizar uma visão de linguagem como representação, em que o significado é presidido por uma razão exterior, independentemente do sujeito que fala.

Na contramão dessa postura essencialista, “a poesia desses contos responde ao próprio jogo livre da linguagem, ao deslocamento de sentidos, exatamente porque ela chama a atenção para suas estruturas e estratégias retóricas e, desse modo, chama a atenção para a força do significante” (GATES, 1989, p. 53)<sup>77</sup>. A partir dessa citação, pode-se estabelecer um diálogo entre Gates e Derrida, que opõe o logocentrismo ao jogo livre dos significantes. Na visão do estudioso em análise, o logocentrismo focaliza o logos, a racionalidade e a palavra. Desse modo, a essência de qualquer texto estaria em sua própria letra e o significado, universal, seria privilegiado com relação ao significante, variável. Por outro lado, no jogo livre de significantes, apoiado por ele e também iluminado por Gates, a linguagem se cria e cria mundos. O contexto nunca é absolutamente determinável: ele é ilimitado.

---

<sup>77</sup> Texto original: “The poetry of these tales turns upon the free play of language itself, upon the displacement of meanings, precisely because it draws attention to its rhetorical structures and strategies and thereby draws attention to the force of the signifier.”

Gates também propõe uma conversa com Saussure ao tomar como referência sua teoria do signo. Ele parte do vocábulo “Signification”, relacionado ao contexto afro-americano, e o diferencia de “signification”, vinculado ao universo do inglês padrão: tratam-se de significantes “iguais” até certo ponto, já que se aproximam e se distanciam a todo momento. Esse movimento vertiginoso pode ser traduzido da seguinte maneira: “a relação que o termo negro ‘Signification’ sustenta com o termo inglês ‘signification’ é, paradoxalmente, uma relação de diferença inscrita em uma relação de identidade” (GATES, 1989, p. 45)<sup>78</sup>. Gates marca a identidade na diferença a partir do uso de letra maiúscula não só no vocábulo em questão, como também no termo “signifying”, o qual se destaca pelo fato de a letra “g” ser colocada entre parênteses para simbolizar a forma como os afro-americanos pronunciam a referida palavra. Daí o neologismo “Signifyin(g)”. Logo, Gates reapropria a teoria do signo de Saussure, ao manter o significante, mas substituir o significado por figuras retóricas. Isso porque, na tradição negra estadunidense, significar é se engajar em determinados jogos discursivos.

A significação é a principal figura de linguagem no contexto afro-americano, abrangendo estratégias linguísticas como “marking”, em que o falante, simulando uma representação teatral, imita as palavras e as ações de uma pessoa e faz alguns comentários sobre ela durante o processo, “rapping”, a partir do qual, através de um trabalho que requer uma improvisação com palavras em um esquema de rimas, um homem tenta conquistar uma mulher ou o emissor procura passar informações para o interlocutor, “loud-talking”, que ocorre quando o falante pronuncia uma sentença muito alto, de forma que ela seja ouvida e dirigida a quem está fora do contexto da conversa, podendo este escolher entre entrar nesse jogo de significação ou permanecer fora dele, e “the dozens”, que, conforme foi mencionado anteriormente, trata-se de um jogo em que os participantes provocam um ao outro com insultos a seus familiares (GREEN, 2002).

Trata-se, portanto, de um estilo de linguagem que, por si só, desafia dicotomias como sentido literal e sentido figurado e discurso ordinário e discurso literário, subvertendo uma visão essencialista sobre a significação, de forma que, nas palavras de Gates, “uma pessoa não Significa [Signify] alguma coisa; uma pessoa Significa [Signifies] de *alguma maneira*” (GATES, 1989, p. 78<sup>79</sup>). A ilustração de tal jogo linguístico por meio da narrativa “The

---

<sup>78</sup> Texto original: “The relationship that black ‘Signification’ bears to the English ‘signification’ is, paradoxically, a relation of difference inscribed within a relation of identity.”

<sup>79</sup> Texto original: “One does not Signify some thing; one Signifies *in some way*.”



Signifying Monkey” será ampliada a seguir, a partir da análise de um caso citado por Gates caracterizado por surpresas em torno do significado.

### **Embaraços no campo do sentido: “The In Your Face Test of No Certain Skills”**

Um dos exemplos sobre significação [Signifyin(g)] trazidos por Gates em seu livro se relaciona com o artigo “Test on street language says it’s not Grant in that tomb”, publicado no jornal *The New York Times*, em 17 de abril de 1983. O assunto abordado nesse texto se vincula a uma prova aplicada a alunos de ensino médio nos Estados Unidos com o objetivo de testar seus níveis de inteligência. Uma turma da escola Hill High (Carolina do Norte) que foi submetida a tal avaliação de múltipla escolha, elaborada pela organização McGraw-Hill, relatou ao professor Rob Slater suas grandes dificuldades na realização de um teste cujas questões padronizadas se distanciavam de sua realidade diária.

Sensibilizado com o posicionamento dos alunos, Slater acolheu a ideia que eles propuseram: fazer uma prova para testar o conhecimento do vocabulário falado nas ruas e aplicá-la aos funcionários da McGraw-Hill. O título escolhido foi “The in your face tests of no certain skills”, baseado em uma estratégia de significação [Signifyin(g)] em que há uma repetição na diferença. “In your face” se relaciona ao fato de alguém encarar o outro nos olhos ao se sentir confrontado (essa atitude pode ser observada no momento que antecede disputas esportivas, tais como lutas marciais), enquanto que a segunda parte do título remete, de forma paródica, aos próprios testes de inteligência aplicados aos alunos como, por exemplo, “The Iowa test of basic skills”.

No conjunto de questões da prova, repletas de diferentes formas de significação [Signifyin(g)], encontrava-se a seguinte pergunta, a que se refere o título do artigo: “Who is buried in Grant’s tomb?” (“Quem está enterrado no túmulo de Grant?”). Segundo o gabarito proposto pelos alunos, a resposta seria “Your mama” (“Sua mãe”). Esse jogo representado pela estratégia “the dozens” é comum não só na vida cotidiana, segundo Gates, como também no âmbito literário. É o que se pode perceber na passagem de um texto do renomado poeta afro-americano Langston Hughes:

And they asked me right at Christmas  
If my blackness, would it rub off?  
I said, ask your mama. (GATES, 1989, p. 44)

Retornando a “The in your face tests of no certain skills”, é interessante destacar que oito empregados da McGraw-Hill aceitaram se submeter ao teste e obtiveram como resultado os conceitos C e D. Esse caso, em que se manifestam surpresas com relação ao significado, conduz a algumas reflexões a partir de diferentes vertentes teóricas no campo do sentido.

Segundo os estudos lógicos, que privilegiam a sentença declarativa, a linguagem se estrutura logicamente e está fundamentalmente relacionada ao mundo. Nesse sentido, uma forma de transformar objetivamente a questão da prova mencionada em uma declaração poderia ser a seguinte: a) “Grant está enterrado no túmulo de Grant”. Trata-se de uma verdade óbvia, uma tautologia. No entanto, ao se acrescentar a resposta “correta” à pergunta, poderia ser formulada esta sentença: b) “Sua mãe está enterrada no túmulo de Grant”. Nesse caso, há uma verdade sintética, que só pode ser compreendida pela inspeção de fatos no mundo. A partir daí surgem algumas reflexões que desafiam essa visão lógica da linguagem. Uma vez que a objetividade do significado “é garantida pela uniformidade de assentimento entre os membros de uma comunidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 20), ela se perde no contexto da prova mencionada: os alunos do High Hill não compartilham da mesma visão de mundo do que os funcionários da McGraw-Hill. Além disso, a frase “a”, supostamente verdadeira, passa a ser falsa nesse novo cenário.

Na percepção dos estudos cognitivos que focalizam a mente computacional, os processos mentais, assentados em uma perspectiva neo-racionalista, compõem um sistema representacional que é o mesmo para todas as pessoas. Tal sistema é denominado mentalês, já que “não se pensa em uma língua natural” (FODOR, 2007, p. 11)<sup>80</sup>. Essas ideias podem ser questionadas a partir da pergunta inserida na prova em análise: as formas como a pergunta é representada no mentalês para o grupo de empregados da McGraw-Hill e pelos alunos da High Hill são diferentes. Isso significa que não há uma compreensão compartilhada da realidade. No que diz respeito à vertente da mente literária, o pensamento é encarnado e largamente inconsciente. O processo de entendimento da pergunta em análise, que apresenta diversos estágios nem sempre reconhecidos conscientemente, conduziu os funcionários da McGraw-Hill a uma resposta diferente da que os alunos propuseram.

---

<sup>80</sup> Texto original: “One doesn’t think in a natural language.”

No que tange aos estudos pragmático-discursivos, não há essência na linguagem. Dessa forma, compreender não é calcular para se chegar a um resultado específico: é saber dar o próximo lance no jogo da linguagem, o qual apresenta regras de acordo com a práxis. No contexto da “The in your face tests of no certain skills”, os empregados da McGraw-Hill não souberam dar prosseguimento ao jogo linguístico, caracterizado por uma natureza arriscada, sugerido pela pergunta feita pelos alunos, cujas regras determinam que as respostas que não sejam “Your mama” sejam excluídas do referido contexto. Ou seja, o contraste entre a visão dos funcionários e a dos estudantes sobre a questão citada ilustra as ideias de que “fazemos as coisas mais diferentes com as nossas frases” (WITTGENSTEIN, [1953]1999, § 27) e de que “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, [1953]1999, § 43).

Ainda nessa linha de pensamento, os estudos pós-estruturalistas apontam para a heterogeneidade da linguagem e subvertem a afirmação de que o significado possui uma essência que pode ser encontrada em um texto. O caso abordado por Gates ilumina esses postulados: a resposta dada à pergunta pelos alunos não seria a mesma dada pela maioria dos empregados da McGraw-Hill. Na verdade, ao tomarmos esse ponto de vista, não haveria uma única resposta à questão, uma vez que “o significado se encontra, sim, na trama das convenções que determinam, inclusive, o perfil, os desejos, as circunstâncias e os limites do próprio leitor” (ARROJO, 2003, p. 90). Nesse sentido, a escrita não é um espaço fechado, mas sim rastro de rastro, estando, portanto, sujeita a uma variedade de leituras influenciadas por aspectos históricos, culturais, sociais, entre outros.

### **Considerações finais**

Conforme abordado ao longo deste artigo, as reflexões em torno do sentido são marcadas por uma gama de pensamentos. Desde a filosofia na Grécia Antiga, houve um contraste entre as percepções dos socráticos, que acabaram por influenciar fortemente o senso comum até os dias de hoje, e as dos sofistas, pensadores que também deixaram seu legado no mundo contemporâneo. Posteriormente, com o surgimento de textos de intelectuais como Saussure e Bréal, foi inaugurada a ciência da linguagem, proporcionando uma abertura para teorizações relativas à significação.

Entre essas teorizações, que incluem os estudos lógicos, os estudos cognitivos e os estudos pragmático-discursivos, que dialogam, de certa forma, com os estudos pós-estruturalistas, encontra-se o pensamento crítico-literário de Gates. Tal acadêmico promove a

visibilidade de um jogo de linguagem caracteristicamente afro-americano, marcado por uma riqueza de aspectos vinculados ao significado. Ao subverter o signo de Saussure e compartilhar a visão de Derrida, demonstrando uma repetição na diferença, Gates colabora na ampliação dos estudos sobre o sentido.

O caso dos alunos da escola High Hill trazido por Gates desvela alguns aspectos em torno do significado, os quais podem ser iluminados por diversas correntes teóricas. Independentemente da vertente de pensamento considerada, o que se evidencia no cenário em análise são surpresas no campo do sentido, surpresas essas que contribuem para o enriquecimento das discussões sobre perspectivas e impasses contemporâneos acerca da significação.

## Referências

ARROJO, R. Desconstrução do logocentrismo e a origem do significado. In: ARROJO, Rosemary; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **O signo desconstruído**. Campinas: Pontes, 2003. p. 36-41.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução de D. M. de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. Tradução de Alda Ferrás et alli. São Paulo: EDUC, 1992.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Tradução de Madalena Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1957.

DERRIDA, J. O fim do livro e o começo da escritura. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Da gramatologia**. Tradução de por Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 7-32.

FODOR, J. Semantics: an interview with Jerry Fodor. **ReVEL**, v. 5, n. 8, p. 1-12, 2007. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_8\\_interview\\_jerry\\_fodor.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_8_interview_jerry_fodor.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Lógica e filosofia da linguagem**. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 59-86.

GATES, H. L., Jr. **The signifying monkey: a theory of African-American literary criticism**. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1989.

GREEN, L. **African American English: a linguistic introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2009. p. 17-45.

PINKER, S. **Como a mente funciona**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAEED, J. **Semantics**. New York/London: Routledge, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (Orgs.). Tradução de Antônio Shelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [1916], 2000.

TARSKI, A. A concepção semântica da verdade e os fundamentos da semântica. In: MORTARI, C. A.; DUTRA, L. H. de A. (Orgs.). **A concepção semântica da verdade**. Tradução de Celso Reni Braida. São Paulo: Unesp, [1944], 2006. p. 157-202.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, [1953], 1999.